



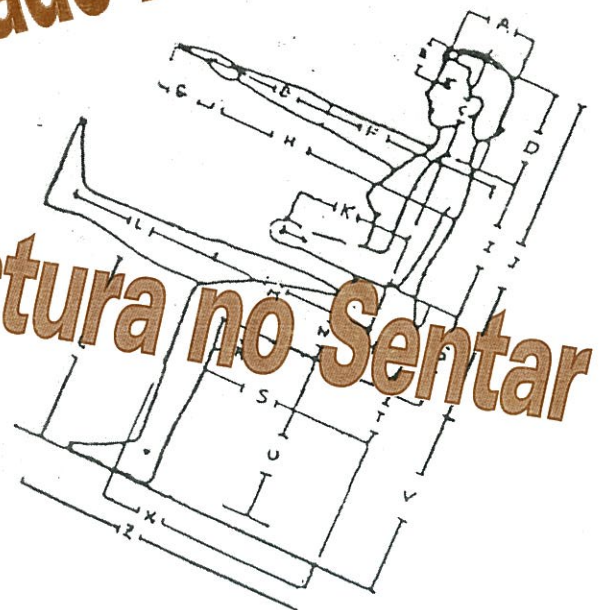
Folclore

Seminário - Teoria da Educação Física



Actividade Lúdica

Actividade Física



Postura no Sentar

O Folclore perto de nós

Os instrumentos, as canções populares, as danças e trajos utilizados.

Luísa dos Santos Reis *

Manuel José Moreira Fernandes**

Rodrigo Saraiva Espiga Almeida**

Rui Miguel Duarte Paulo**

RESUMO

Após a recolha "in loco", de vária informação acerca da temática em causa e após a pesquisa a vários documentos relativos à etnografia, pretende-se dar a conhecer uma pequena amostra dos instrumentos musicais utilizados no folclore das várias regiões do país e principalmente sobre o folclore da nossa região – Beira Baixa.

Mostraremos ainda os instrumentos musicais tradicionais portugueses e as categorias em que se dividem.

Para finalizar abordaremos as festas e romarias, especificando a tradição e as danças da Lousa.

1. Introdução

O folclore é considerado como parte integrante da vida do povo. De geração em geração o povo difunde os seus conhecimentos, costumes, hábitos e tradições. Assim de década para década, de século para século, podemos obter canções, danças, instrumentos musicais, trajos, contos e outros que traduzem a vida do povo.

O trabalho apresentado contribui para uma maior divulgação dos instrumentos musicais que foram e são utilizados nalgumas regiões do nosso país.

Optámos também por fazer um estudo mais aprofundado da região da Lousa, devido à sua originalidade e exclusividade no que diz respeito às danças e instrumentos musicais.

2. Definição de folclore

A expressão *folclore* é aceite internacionalmente desde 1878. A expressão apareceu pela primeira vez na imprensa publicada na revista *The Athenaeum* de Londres, há cerca de 150 anos (22 de Agosto de 1846). O texto, do arqueólogo inglês William John Thoms, que nasceu em 1803 e morreu em 1885, propunha o estudo de culturas diversas.

Propunha o termo, como expressão de técnica apropriada ao estudo das lendas, tradições e da literatura popular, tendo essa definição o significado de "a sabedoria do povo".

William John Thoms associou o folclore às antiguidades populares e essa associação permaneceu, sob muitas formas, em diversos conceitos do folclore. Folk quer dizer povo,

*PROFESSORA ADJUNTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTÍSTICA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE CASTELO BRANCO

**ALUNOS FINALISTAS DO CURSO DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO, VARIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE CASTELO BRANCO

nação, família; lore significa instrução, conhecimento, saber, portanto, folclore ou folk-lore quer dizer a ciência ou sabedoria popular.

3. Instrumentos musicais utilizados nas diferentes regiões do país

Uma das manifestações populares que melhor traduzem o registo de costumes, tradições e alegrias de uma população, é, sem dúvida, o cancionero. Fortemente ameaçada pelos tempos modernos, os cantares do povo têm vindo a diluir-se e a perder a sua autenticidade.

O instrumental popular português é caracterizado por uma grande multiplicidade de formas, na sua maioria importadas de outros países dão origem à grande diversidade musical portuguesa. Esta traduz-se numa dualidade paisagística fundamental que corresponde ao leste transmontano e à planície alentejana, onde permanecem instrumentos antigos e rudimentares do ciclo pastoril, colorindo uma forma de vida arcaica. Nestas regiões, verifica-se uma quase total exclusão dos cordofones (instrumentos de corda) do repertório tradicional. Encontram-se membrófonos (instrumentos vibratórios) percutivos e atonais como os pandeiros, adufes e tamboris, usados para marcar ritmo sem deformação da tonalidade das melodias. Numa linha mais melódica são de realçar ainda, os pífaros e a gaita-de-foles.

O litoral do país e o Algarve, são regiões caracterizadas por um espírito mais aberto e expansivo, predominando os cordofones como a viola, o cavaquinho, a rabeca, a guitarra, o violão e os instrumentos de «tuna». Sendo estes ideais para exprimir musicalmente um temperamento alegre e festivo, tornando-se privilegiados nas manifestações lúdicas, sendo os mais adequados à recepção de novas formas musicais e influências estrangeiras.

Para além dos cordofones, encontram-se ainda outros tipos de instrumentos como o acordeão, a harmónica e a concertina que em determinadas circunstâncias substituem os populares cordofones. Todo este instrumental está fortemente ligado à música profana que caracteriza toda esta região. Os instrumentos de corda permitem uma abertura e desenvolvimento de novas formas musicais, facto que não se verifica nunca nas terras

pastoris e arcaicas do leste, onde os cordofones são praticamente inexistentes.

No Minho encontramos formas musicais bem ritmadas e vivas, manifestando nas canções coreográficas e danças de roda, desgarradas e desafios, um temperamento lúdico e festivo. A voz faz-se acompanhar por braguesas e cavaquinhos, apoiados por idiofonos (instrumentos vibratórios primitivos). Nas rusgas (também conhecidas por tocatas, festadas ou rondas) intervêm ainda outros instrumentos tais como violas, tambores, reque-reques, flautas e ferrinhos, harmónicas e concertinas. Este grupo de instrumentos é também usual em algumas zonas da Beira Litoral, alegrando quase sempre de improviso feiras e romarias, caminhadas e trabalhos rurais.

Ainda nesta região encontramos os «Zé-Pereiras», como expressão musical ligada ao cerimonial. Precediam procissões e animavam as festas nas vilas e aldeias. Inicialmente eram formados por caixas, bombos e gaitas de foles. Mais tarde passaram a incluir clarinetes, caixas, bombos de dimensões mais reduzidas e pratos designando-se por charanga.

Também nesta região encontram-se outros Zé-Pereiras cuja constituição conta apenas com tamborileiros de bombos e caixa, chamando-se a este conjunto Pancadaria.

Uma outra forma musical, instrumental, vocal e coreográfica é a chula. Esta, típica do noroeste do país, assume diferentes formas segundo as regiões. O traço comum entre as diferentes chulas é o tom festivo e os cantares ao desafio.

Tal como a chula, a rusga não possui funções cerimoniais. São ambas de carácter profano e festivo, distinguindo-se pela forma como se apresentam. A rusga surge de improviso, animando, por exemplo uma caminhada, ou uma tarefa rural, enquanto a chula se organiza como atracção de uma festa, apresentando-se em pequenos palcos onde vozes masculinas e femininas cantam ao desafio, acompanhadas por cordofones (de destacar a rabeca chuleira) e percutivos.

Ao longo do Douro, os grupos de trabalhadores tarefeiros das vindimas deram origem às rogas. Esta forma musical que se traduz em exhibições (rusgatas) de terra em terra, cantando e tocando instrumentos

próprios da região, normalmente o bombo, os ferrinhos e alguns cardofones.

No centro do país, Coimbra impõe-se pela música ligeira que desenvolveu. Primeiro através da viola toeira e depois pela viola, guitarra e pelo violão, que eram utilizados nas serenatas nocturnas acompanhando o fado, como forma musical característica desta região. Ainda em Coimbra, é possível encontrar a gaita-de-foles, que, pela mão dos gaiteiros acompanhando o bombo, preenche funções cerimoniais.

A Beira Alta é servida por conjuntos musicais e instrumentais do género das rusgas minhotas, compostos por instrumentos de tuna. Não existe nesta região nenhum tipo de instrumentos que lhe seja próprio, exceptuando as zonas serranas, que possuem a flauta travessa, característica dos pastores.

Na Beira Baixa impõe-se o adufe como instrumento privilegiado de todas as manifestações culturais, sendo tocado exclusivamente por mulheres. Na região do Fundão, encontramos Zé-Pereiras, sem gaita-de-foles, sendo constituídos apenas por bombos e caixas.

A Estremadura possui um conjunto instrumental composto por concertinas, harmónicas, gaitas de beijos, guitarras, banjos e flautas, associados a uma expressão musical festiva.

No Ribatejo, para além da gaita de foles e tambor utilizados em cerimónias religiosas, nomeadamente no Natal, o fandango impõe-se como a dança típica da região, animado por concertinas, pandeiretas e castanholas.

Em Lisboa, as festas populares são animadas por gaiteiros. Oscilando por vezes entre o sagrado e o profano, estas festas atingem a sua mais elevada manifestação no fado, no qual o violão e a guitarra tocam baixinho, acompanhando a voz que se solta de forma singular.

Na zona leste do país estão presentes instrumentos típicos do ciclo pastoril tanto na música cerimonial como na música lúdica. Entre eles destacam-se a gaita-de-foles, os pandeiros, os adufes, os tamboris e as flautas.

No Baixo Alentejo, é notório quase sempre a ausência de instrumentos a favor da voz trabalhada em corais polifónicos. Em toda esta faixa de norte a sul, os cordofones raramente estão presentes e, quando existem, são utilizados de um modo diferente da zona ocidental do país.

No Alentejo, nomeadamente em Moura e Serpa, o tamborileiro é uma figura de grande importância na animação de festas regionais de carácter cerimonial, desempenhando funções de organização e orientação de festejos. Em Beja, a viola campaniça quebra a monotonia dos corais tradicionais, servindo também para fins religiosos.

O Algarve é marcado por instrumentos percussivos, harmónicas e concertinas, nas suas manifestações lúdicas festas cíclicas e arraiais.

4. Caracterização dos Instrumentos musicais tradicionais Portugueses

Os instrumentos musicais populares portugueses pertencem à tradição organológica europeia e, para a sua descrição seguimos a classificação de C. Sachs e Hornbostel, que agrupa todas as espécies existentes em quatro categorias consoante a natureza do elemento vibratório:

4.1. MEMBRANOFONES – Quando o elemento vibratório é uma membrana retesada.

Os tambores portugueses são de um tipo comum. Bimembranofones de caixa de ressonância cilíndrica, e de peles tensas por meio de cordas ou parafusos que apoiados em aros esticam uniformemente as duas peles.

Caixa – É tocada com duas baquetas em posição horizontal. Sobre a pele inferior tem geralmente um ou mais bordões, geralmente feitos de tripa.



Fig.1: Caixa

Bombo – Pode ter até cerca de oitenta centímetros de diâmetro. São tocados na vertical, geralmente só numa das peles com uma masseta. Não têm bordões nas peles o que lhes dá uma sonoridade profunda.

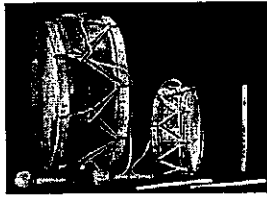


Fig. 2: Bombo

Tamboril – O tamboril caracteriza-se pelo fuste cilíndrico alongado, e pela existência de bordões em ambas as peles. Tocado juntamente com a flauta e percutido por uma só baqueta.

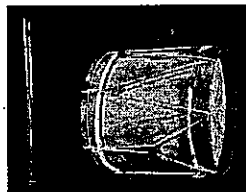


Fig. 3: Tamboril

Adufe – Bimembranofone de forma quadrangular. As peles são cosidas entre si, e no seu interior são colocadas sementes, grãos de milho ou pequenas soalhas, a fim de enriquecer a sonoridade.



Fig. 4: Adufe

Sarronca – É um membranofone de fricção composto por um reservatório, geralmente uma bilha, que serve de caixa de ressonância, cuja boca é tapada com uma pele esticada que vibra quando se fricciona um pequeno pau ou cana preso por uma das pontas no seu centro.

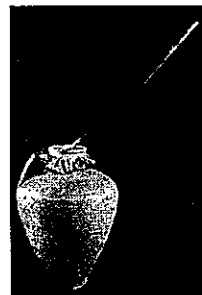


Fig.5: Sarronca

4.2. IDIOFONES – quando o elemento vibratório é o próprio corpo do instrumento que é constituído por materiais mais ou menos vibráteis independentemente da sua tensão.

Genébres – A genébres é um instrumento único no país. Formado por catorze pauzinhos de pau-ferro, redondos, de tamanhos diferentes, crescendo em extensão de primeiro ao último de forma regular e progressiva, e sendo o comprimento do maior pouco mais ou menos, o dobro do primeiro,

enfiados, nas extremidades, numa correia de couro.

A genébres é suspensa do pescoço pela correia que enfia nas extremidades dos paus, e cobre o peito do tocador.

Espécie de moderno xilofone que o tocador tange com o chuço, pedaço de pau da qualidade dos demais da genébres, produz sons mais ou menos arrastados, mais ou

menos vivos, consoante a vontade do tangedor e o compasso da dança.



Fig. 6: Genébres

(Foto tirada na Junta de Freguesia da Lousa – 2004)

Segundo o Ernesto Veiga de Oliveira esta categoria (Ideofones) subdivide-se em quatro categorias:

- Instrumentos para marcar o ritmo e acompanhar a dança: castanholas, ferrinhos, bilha com abano, reque-reque.

- Instrumentos da Semana Santa, Carnaval, Serração da Velha, etc: matracas, zaclitracs.

- Instrumentos próprios de certas profissões e modos de vida, para avisar por exemplo o começo de determinados trabalhos: gaita de amolador, cornetas, assobios de caça, cornos, búzios.

- Instrumentos de passatempo individual: ocarina, harmónica de boca, gaitas de palhas.

4.3. CORDOFONES – Quando o elemento vibratório é uma corda esticada.

Viola Braguesa – Com 5 ordens de cordas duplas metálicas tem a abertura central em forma de boca de raia. É tocada de rasgado, isto é, correndo todas as cordas ao mesmo tempo com os cinco dedos todos juntos ou só com o polegar e o indicador. Os bons tocadores ao mesmo tempo que tocam de rasgado, destacam sobre as primeiras cordas mais agudas, a linha do canto.

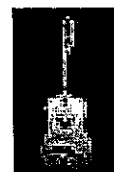
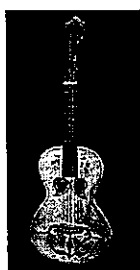


Fig. 7: Viola Braguesa



Viola Amaranantina – É muito semelhante à viola braguesa, mas tem a boca em forma de dois corações.

Fig. 8: Viola Amaranantina

Viola Toeira – É hoje uma espécie já completamente extinta, semelhante à viola braguesa em dimensões. Tem a abertura central sempre em forma oval deitada. Tem no entanto doze cordas, organizadas também em cinco ordens. As três primeiras duplas, e as duas últimas triplas.

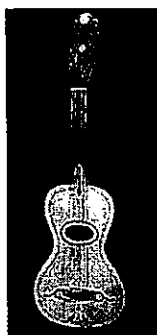


Fig.9: Viola Toeira

Viola Beiroa – É um instrumento muito ornamentado. Além das cinco ordens de cordas, tem duas cordas mais agudas e presas a um cravelhal suplementar junto da caixa, e que eram sempre tocadas sem serem pisadas.

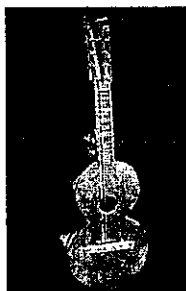


Fig.10: Viola Beiroa



Viola Campaniça – É a maior das violas portuguesas. De enfranque muito prenunciado, tem também cinco ordens de cordas. Sendo as três primeiras duplas e as duas últimas triplas. É tocada de dedilho apenas com o dedo polegar.

Fig.11: Viola Campaniça

Viola de Arame ou da Terra – São semelhantes à viola braguesa, mas de boca redonda na Madeira, e nos Açores com duas formas distintas. A de tipo micaelense com a boca em forma de dois corações, e a terceirense com a boca redonda.

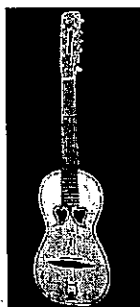
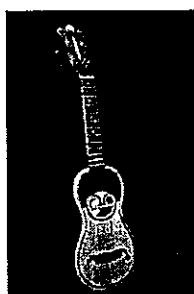


Fig.12: Viola de Arame ou da Terra



Cavaquinho – Da família da viola, mas de forma muito mais reduzida. Tem quatro ordens de cordas simples. Toca-se de rasgado.

Fig.13: Cavaquinho

Braguinha – É um tipo de cavaquinho da ilha da Madeira. É tocado de rasgado pelos grupos de bailhos que existem em algumas zonas rurais da ilha. Na cidade do Funchal aparecia integrado em tunas, dedilhado com uma palheta. Este instrumento terá sido levado para o Hawai nos fins do século passado por emigrantes madeirenses tornando-se aí um instrumento muito popular com o nome de Ukulele.

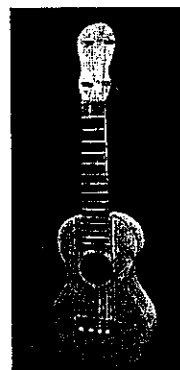
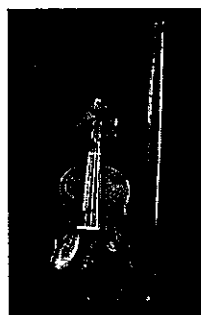


Fig.14: Braguinha



Rabeca Chuleira - Espécie de violino, mas de braço muito curto e escala muito aguda, afinando uma oitava acima do violino.

Fig.15: Rabeca Chuleira

Guitarra Portuguesa – A guitarra portuguesa é um instrumento de grande importância na música tradicional. De corpo arredondado, tem seis ordens duplas, e é tocada com uma técnica especial em que o tocador usa unhas postiças para poder tirar melhor sonoridade do instrumento.

Violão – Com seis ordens de cordas simples serve de acompanhamento à guitarra portuguesa, ou à viola nos grupos das rusgas e chulas minhotas.

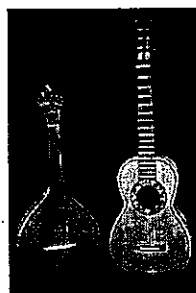


Fig.16: Guitarra Portuguesa e Violão

Raião – Instrumento madeirense acompanhador que toca juntamente com a braguinha. Tem cinco ordens de cordas simples e um tamanho intermédio entre o cavaquinho e a viola.

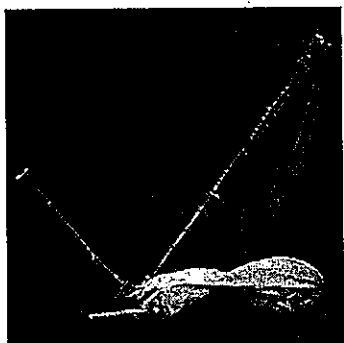


Fig. 17: Raião

Banduras - São uma espécie de violas de cordas de arame, já hoje raras. Instrumento que antigamente se vendia na festa da Senhora da Póvoa.

4.4. AEROFONES – quando o elemento vibratório é o ar accionado de modo especial pelo instrumento.

Gaita-de-foles – É um aerofone composto por dois tubos ligados a um saco feito de pele de cabrito. Um dos tubos é cilíndrico e composto por três secções tendo na extremidade uma palheta simples de cana, produzindo sempre a mesma nota chamado bordão ou roncão. O outro tubo mais pequeno é de secção cónica com oito orifícios, de palheta dupla e toca a melodia. O fole cheio de ar através de um outro pequeno tubo munido de uma válvula, é



pressionado pelo braço do tocador obrigando o ar a sair e pondo as palhetas a vibrar.

Fig. 18: Gaita-de-foles

Flautas – Existem dois tipos de flautas: Flauta de bisel de corpo cilíndrico ou ligeiramente cónico e com três furos; A flauta travessa geralmente feita de cana na faixa ocidental do país, no Minho, Estremadura, e Algarve, e de sabugueiro no interior, nomeadamente na Beira Baixa. Tem seis furos além do insuflador.



Fig.19: Flauta Travessa

Concertina – É um aerofone de palhetas livres que são accionadas por meio de um fole que une os dois teclados.

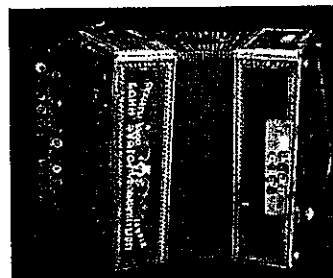


Fig.20: Concertina

Palheta – É um instrumento de palheta dupla, tipo oboé. O tubo melódico tem cinco orifícios, e termina em forma de campânula.



Fig. 21: Palheta

5. Festas e romarias

«As festas e romarias, tão caras à alma do nosso povo, crente e folgazão, têm uma função simultaneamente religiosa e social.

A elas afluem, de todas as partes por onde andam dispersos, os filhos da terra, para alimentar a fé que os liga à sua igreja e fortalecer as raízes que os ligam ao seu torrão natal.

Nelas se robustecem velhas amizades e se criam outras novas, embora, às vezes, se gerem também discórdias, porque o calor aperta e o vinho sobe à cabeça dos romeiros, o que felizmente se vai tornando cada vez mais raro.

Depois de satisfeitas as devoções e cumpridos os votos, vá de dar largas à emoção e à alegria, num convívio salutar e fraterno, com os parentes e amigos, cantando e dançando, no largo da igreja ou no recinto da ermida.»

(Ferreira, J. A..(s/d), in Cancioneiro)

As Festas e Romarias são um traço típico da cultura popular e tradicional do nosso povo. Estas manifestações, extremamente numerosas e variadas, acontecem um pouco por todo o país, e fazem parte das tradições e memórias de um povo que luta para manter actual a cultura secular que lhe confere uma identidade muito própria.

5.1. Senhora dos Altos Céus - Lousa

"Lousa, a tão linda, cristã e arcaica aldeia que vive, trabalha e cria seus filhos sob a protecção de Nossa Senhora dos Altos Céus, continua arreigada às suas velhas tradições, mantendo, vivos e inalterados, usos e costumes dos tempos idos.

A Senhora dos Altos Céus tem sua morada na Igreja Matriz. Santo António, S. Sebastião e Santa Bárbara têm suas capelinhas dispersas pela aldeia e só S. Giraldo, o Santo Bispo, teve de deixar sua capela completamente arruinada, no caminho da mata, para se refugiar na sacristia da Igreja paroquial."

(Viana, S. (1967), pág. 15)

Dentre as muitas festas e romarias que se realizam na Beira Baixa, poucas ou nenhuma oferecem tanta originalidade nos seus costumes como a da Senhora dos Altos Céus, da Lousa.

Vem de tempos remotos a sua invocação e, não há muito ainda, os povos dos arredores acorriam em diversas épocas do ano, ao seu santuário.

Por 1640 foram os campos das redondezas invadidos por uma terrível praga de gafanhotos.

O povo, que idolatrava na sua Igreja vários Santos, resolveu decidir sobre qual deveria especialmente invocar para o livrar da terrível praga. Coube a missão à Senhora dos Altos Céus, o que os Lousenses tiveram como bom presságio, por ser ela a Santa de sua maior devoção. Por isso, prometeram em voto perpétuo consagrando-lhe anualmente uma grandiosa festa que se realizaria no terceiro Domingo do mês de Maio.

Pela confiança que tinham em que a Senhora os atenderia e a praga desapareceria, logo no dia em que fizeram a promessa dançaram, bailaram e cantaram:

Senhora dos Altos Céus,
Não vos peço outra coisa,
Só a vossa protecção
Para o povo da Lousa



Fig. 22: Música tirada para piano e canto da última quadra descrita. (Etnografia da Beira Vol I, pág. 76)

"Tendo passado um homem, já velho e sisudo, pelo local da dança, estranhou tão antecipado alegria e não se conteve que não dissesse: - balhai, balhai que também os galfanhotes balham nas vossas searas!

Aborrecido, triste, irritado com tão descabida satisfação dos seus conterrâneos, saiu da povoação e foi para o campo, onde, com grande surpresa verificou que os terríveis gafanhotos tinham desaparecido! Voltou por isso célere à povoação a cantar o que vira e a incitar todos os seus patrícios a dançar e a balhar em louvor da Senhora dos Altos Céus. E ele próprio balhou e dançou".

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 76)

"E os balhos continuaram, entre a maior alegria, e as festas passaram a durar, nos anos seguintes, três dias: de sábado até terça-feira. Não tem esmorecido o entusiasmo dos Lousenses na sua adoração pela Virgem dos Altos Céus, e ainda hoje não há casa que naqueles dias não faça os seus *busquêtes* e doces, que não abata a sua rês ou não vá ao talho, e não cozinhe o célebre prato de arroz de tripas para o almoço de domingo".

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 77)

Uma comissão, composta por um juiz, um tesoureiro e um escrivão, recebe anualmente o encargo da festa. O juiz é seleccionado por ordem de inscrição, de uma lista de dez nomes, de quem fazem parte as pessoas mais gradas da terra. O tesoureiro e o escrivão são de escolha anual.

Pela tarde de domingo, antes que a procissão saia com os seus guiões, bandeiras e imagens, os festeiros dão determinado valor às insígnias antes da saída da Igreja. Esta importância é imediatamente coberta por um dos pretendentes e elevada em seguida por outros. E os lanços vão caindo até ficar um só licitante em campo. A este incumbe transportar o guião, bandeira ou perna de andor até ao sítio onde os festeiros resolveram abrir novo lanço. Pela tarde há danças, descantes e fogo preso à porta da Igreja.

“Exibem-se as velhas danças da *genébres*, das *donzelas* e, das *tesouras*, e os cantos, em *chacota*, cuja origem, ao certo, ninguém conhece”.

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 78)

6. Danças da Lousa

Na freguesia da Lousa, concelho de Castelo Branco, realizam-se durante as festas em honra da Senhora dos Altos Céus várias danças típicas.

6.1. Genébres

A da *genébres* é executada por dez homens, dos quais seis trajam com calça e casaco branco, gravata, banda de seda de cor encarnada à cinta muitas fitas de seda pendentes dos ombros e a servir de coroa na cabeça, uma grande capela ou capacete de forma cónica enfeitada com flores artificiais e fitas que lhes caem sobre as costas (complemento das que pendem dos ombros) encimada com um penacho de flores artificiais de várias cores e de penas brancas. Os três homens mais novos trajam de mulher, com saia e casaco branco, rede preta de malha miúda e flores na cabeça, trunfa de cabelo na nuca, e muitos colares e outros objectos de ouro pendentes do pescoço. Finalmente, o guardião, mestre ou ensaiador, traça de soldado, com uma velha espada à cinta.



Fig. 23: Dança da *Genébres*

(Foto tirada durante a festa, Lousa – 2004)

“Dos seis primeiros, um toca a *genébres* e cinco as banduras, e os três que fazem de mulher, os pandeiros.

À ordem do guardião, formam todos em linha de três, ficando ao centro os que vestem de mulher.

E a dança começa, ao som arranhado e chocalheiro da *genébres*, acompanhado pelas banduras e pandeiros.”

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 104)

A dança é realizada em passo de marcha.

“Ao som do *quiau, carríquiau, quiau; carríquiau, carríquiau, quiau*, e das banduras com a sua afinação especial: *vrum, varravum, varravum, vrrum, varravum, varravum...*, dos pandeiros e do estrépito que todos os tocadores fazem com os pés, sempre a compasso, dão meia volta no lugar, outra meia, e volta completa, e deslocam-se, ora os homens, ora as mulheres, em compassos certos de dança e contradança.

Andam em roda, trocam os lugares, não deixando de se-ouvir a *genébres* com o seu *quiau, carríquiau, quiau, quiau*; e, quando os que vestem de mulher, estão em frente dos que *tocam as banduras, o da genébres*, saltitando, sempre a compasso, simula o arrastar da asa do galo à galinha e vai roubar a dama de um dos companheiros.

Se alguma rapariga estranha à dança se aproxima, o da *genébres*, sem deixar de manter o compasso, vai aos saltos para ela, a imitar, mais uma vez, o arrastar da asa e tocando sempre: *quiau, carríquiau, carríquiau, quiau, quiau...*

Ao som do último compasso, o guardião, que é o mestre-ensaiador, coloca-se em frente do grupo e desembainha a espada.

É o fim da dança. Postos todos em seus primitivos lugares, suspendem o tanger dos instrumentos e fazem uma *vénia*.”

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 105)

“O grupo toca e dança pela primeira vez em frente da Igreja e seguidamente nos lugares mais centrais e nas principais casas da povoação, onde lhes oferecem doces e vinho.

Na segunda-feira de festa almoça em casa do tesoureiro, janta em casa do juiz e ceia em casa do escrivão”.

(Etnografia da Beira Vol I, pág.106)

6.2. Tesouras

Um grupo de oito, dez ou doze homens vestidos de cotim, lenço branco em volta da cabeça, cada um com sua tenaz fingindo de tesoura. Um velho dos mais folgazões da povoação também trajado de cotim e com um lenço branco atado à cabeça, e alguns rapazes de dez a quinze anos, com seus casacos vestidos das avessas a fingir de

carneiros, começam a dança das tesouras pela tarde de segunda-feira à porta da Igreja. De seguida percorrem as ruas e principais casas do lugar, a cantar e a representar.

O grupo, forma duas alas frente a frente, a pequena distância, deixando no meio os rapazes (carneiros).



Fig. 24: Fotografia de um quadro alusivo à dança das tesouras exposta na Junta de Freguesia da Lousa

“Simulando tosquiá-los, os homens batem as tenazes e cantam:

Senhora dos Altos Céus
Que estais nessas alturas,
Virai para cá o rosto,
Não nos deixeis às escuras.

Os rapazes respondem em coro:
Mé.

Senhora dos Altos Céus,
Minha rosa encarnada,
Lá em baixo Alentejo
Chega a vossa nomeada.

Coro: - Mé.

Mulatinhas da Baía
Foram-se a lavar ao mar,
Deixaram as águas turvas
Sendo elas um cristal.

Coro: - Mé.

Quando eu vim da Baía,
Quando da Baía vim,
Mulatas carinhosas
Todas choraram por mim.
Coro: - Mé.

Quando eu vim da Baía,
Lá me ficaram dez réis,
Comprei duas mulatinhas,
Cada uma por cinco réis.

Coro: - Mé.

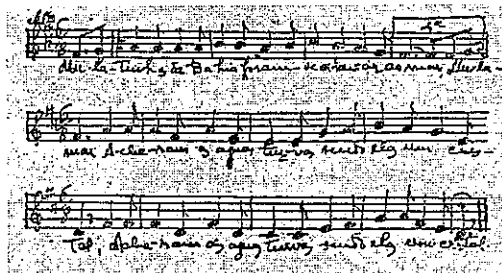


Fig. 23: Música tirada para piano

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 108)

Por entre as duas alas, os rapazes vão passando, corcovados ou debruçados, a saltitar, imitando carneiros e repetindo em coro, no final de cada quadra: - Mé.

Em volta do grupo, o velho, que faz de dono do rebanho, vai dizendo graças, por vezes “apimentadas”:

- Não estou satisfeito com a tosquia.

- Já estou farto de fornecer pó moreno (pó com que os tosquiadores tratam as tesouradas que atingem o couro cabeludo dos animais).

- Vamos lá ver se essas ferramentas estão bem afiadas.

E estendendo um enorme pau por entre as duas alas dos homens, passa pelo meio, aos saltinhos, procurando acompanhar o coro dos tosquiadores que lhe vão aplicando a sua tenazada ora nas pernas, ora nos braços e até nas orelhas.

E, repreendendo ora um, ora outro, por não terem bem afiadas as ferramentas, diz:

- Assim não me convém.

- Vamos lá aguçar essas tesouras.

Os tosquiadores simulam aguçar as tenazes no pau que o velho lhes estende, até o velho pôr o pau às costas e dizer:

- Ora vão para o diabo que os carregue. Não estou para os aturar.

Está terminada a dança que vai recomeçar noutras ruas ou casas da povoação, sempre ao som da canção própria da *dança das tesouras*, e com o acompanhamento dos carneiros: - mé!”

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 107, 108 e 109)

6.3. Donzelas ou Virgens

A Dança das Virgens deriva da liturgia pagã do culto de Vesta. As dançantes, oito raparigas, apresentam-se ainda hoje trajadas de branco, coroadas com flores cor da neve, brincos de princesa, peito carregado de ouro, sapatinhos e meias brancas e com uma faixa de seda azul celeste singida à cinta caíndo para trás. Frente às dançantes, para assegurar a sua honradez, encontra-se um guardião de espada ao alto desenbainhada, e ao lado, um tocador de guitarra que vai dedilhando as várias marcações da coreografia ritual.

Um pomenor que merece especial atenção nesta dança é que numa das partes aparecem lencinhos brancos por entre os dedos das dançantes e os lencinhos voltam e volteiam, aproximam-se e afastam-se desenhando no ar curvas graciosas. As dançantes vão-se encontrando quatro a quatro durante a dança.

É de realçar que ainda hoje o povo da Lousa tem a noção exacta, transmitida de gerações em gerações, de que as dançantes escolhidas para esta dança têm de ser íntegras quanto à virtude exigida, sob pena severa para quem não cumpra tal virtude.



Fig. 25: Dança das Donzelas.

(Foto tirada durante a festa, Lousa – 2004.

As Oito dançantes, de quinze a dezoito anos, ao som do tocador dançam e recitam os seguintes versos:

“O’ Virgem dos Altos Céus,

Mãe do meu amparo, bem:
Conservai na vossa graça
Quem aqui visitar-nos vem.

Quem aqui visitar-vos vier,
Com silêncio há-de vir,
Nós estamos a vossos pés
Prontas para vos servir.

Prontas para vos servir
Do íntimo do coração,
Se não estamos purificadas,
O’ Virgem, dai-nos perdão.

O’ Virgem dai-nos perdão,
Mãe da Glória, Imperatriz,
Conservai na vossa graça
Este nosso Juiz.

Este nosso Juiz
E todo o mundo inteiro:
Conservai na vossa graça
Este nosso Tesoureiro.

Este nosso Tesoureiro
E todo o fiel cristão:
Conservai na vossa graça
Este nosso Escrivão.

Este nosso Escrivão
E todos os do nosso partido:
Nós queremos continuar
Com o nosso uso antigo.

Com o nosso uso antigo,
Pela graça do Senhor:
Vivam as oito donzelas
E viva o nosso tocador.

A dança começa à porta da Igreja onde se adora a Senhora dos Altos Céus e ali uma das donzelas diz o primeiro verso, outra diz o imediato e assim seguidamente até ao último.

O grupo almoça, janta e ceia, no dia de segunda-feira, em casa dos festeiros."

(Etnografia da Beira Vol I, pág. 110 e 111)

6.3.1. Origem da dança das Donzelas

Segundo informações recolhidas "in loco" pensa-se que a origem desta dança data do ano de 1640, aquando da praga de gafanhotos, o casal Timóteo e Micaela, que tinham oito filhas, ao aperceber-se que a praga tinha desaparecido ficou tão satisfeito que de imediato festejou agradecendo à Senhora dos Altos Céus, juntando as oito filhas e começando a dançar e a bailar.

Assim apareceu a dança das donzelas e se preservou ao longo de todos estes anos.

6.4. Chacota

"Noutros tempos, em época não muito distante, sucediam-se junto da porta da Igreja e das casas dos festeiros, na segunda-feira depois do pôr-do-sol, grupos de raparigas, vestidas de branco, acompanhadas por mulheres de idade, a cantar, com a música da canção da Senhora dos Altos Céus, entre outros, os seguintes versos:

Ó Virgem dos Altos Céus,
Que estais na vossa tribuna,
Sois a mais linda Rosa,
Como vós não há nenhuma.

Ó Virgem dos Altos Céus,
Nossa Mãe, nossa Madrinha,
Dai-nos o céu por esmola
Já que dele sois Rainha.

Ó Virgem dos Altos Céus,
Aqui estou à vossa porta,
Fazei-me boa mulher,
Quero ser vossa devota.

Ó Virgem dos Altos Céus,
Minha Roseirinha branca,
Quando viestes ao mundo
Logo foi para serdes Santa.

Ó Virgem dos Altos Céus,
Rainha do céu e da Terra,
Ó que lindo resplendor
Deita a vossa cara bela!

Ó Virgem dos Altos Céus,
Minha tão boa Senhora,
Socorrei-nos nas necessidades
Já que sois nossa protectora.

Ó Virgem dos Altos Céus,
Que estais virada para a rua,
Fazei-me boa mulher,
Quero ser devota Sua.

Ó Virgem dos Altos Céus,
Aqui estou às vossas beiras,
Fazei-me boa mulher
Livrar-me das chocalheiras.

Ó Virgem dos Altos Céus,
À vossa porta me empino,
Meu coração a toda a hora,
Minha alma de contínuo.

Ó virgem dos Altos Céus,
Não vos peço outra coisa:
Só a vossa protecção
Para o povo da Lousa.

(Etnografia da Beira Vol I, pág.111,112 e 113)

7. Conclusão

A dança realiza a socialização da naturalização através dos seus elementos de marcação da diferença a pelo menos três níveis: género, posição social e região.

A dança como expressão da alma de um povo aparece associada à maneira de ser desse mesmo povo. Esta maneira de ser determina a identidade do povo da Lousa, sendo visível nas danças apresentadas.

O povo da Lousa demonstrou bem a sua maneira de ser, os seus anseios e crenças na transmissão dos seus sentimentos ao serem reproduzidas as suas danças no dia da romaria (Maio de 2004).

A cultura popular, a dança folclórica, aparece como uma expressão da alma, e o povo da Lousa corporiza este sentimento.

Quando se fala em folclore, não se fala apenas de danças, de trajos ou de instrumentos musicais, fala-se também de tradição, cultura, normas, valores...

O folclore não é só festa e multidão, representa também toda a história formada pelos anseios, medos, aspirações e esperanças de um povo que busca a sua verdade na identificação da cidadania, preservando os seus valores e mantendo vivas as suas raízes através das gerações.

Após a realização deste trabalho concluímos que, apesar desta temática ser pouco divulgada, podemos dela retirar um maior conhecimento da região da Lousa, distrito de Castelo Branco, bem como os seus costumes e tradições.

8. Bibliografia

- * Garcia, M. (2003), *Lendas das Beiras*, Alma Azul, Coimbra/Castelo Branco
- * Marcelo, M. L. (1993), *Beira Baixa: a memória e o olhar*, 1ª edição, Presença, Lisboa
- * Nunes, A. P. & Ribeiro, J. H. (1980), *Castelo Branco e a sua região: história, arte etnográfica*, Epartur, Coimbra
- * Peixoto, R. (1990), *Etnografia Portuguesa*, Dom Quixote, Lisboa
- * P.M. (1994) *A Festa e as tradicionais danças da Virgem dos Aítos Céus da Lousa*, Junta de Freguesia da Lousa
- * Reis, L. & Xavier, R. (2003), *O Folclore na Beira Baixa, A canção Popular. Lendas, costumes e tradições. Os instrumentos musicais e o traje*, in Revista do Departamento de Educação Física. Nº5 de Junho de 20004, E.S.E. – Dep. Ed. Física
- * Ribas, T. (1982), *Danças Populares Portuguesas*, Instituto de cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, nº69, 1ª edição, Lisboa
- * Sanchis, P. (1983), *Arraial: Festa de um povo. As romarias Portuguesas*, Publicações Dom Quixote, Lisboa
- * Santos, A. (1999), *A tradição nunca foi o que era: o caso das danças do folclore Português*, In Horizonte: revista de Educação Física e Desporto, Vol. XV, nº89, Maio/Junho, pág. 18-24, Lisboa
- * Sasportes, J. (s/d) *História da Dança em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, edição do serviço de música, Lisboa
- * Vasconcelos, J. L. (1986), *Tradições Populares de Portugal*, 2ª edição, revista e aumentada, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa
- * Viana, S. (1967), *O Trajo Popular na Beira Baixa*, Edição da Junta Distrital de C. Branco
- * www.folcloredeportugal.pt
- * Coelho, F. A. (1993), *Obra etnográfica*, 1ª edição, Dom Quixote, Lisboa
- * Dias, J. L. (2003), *Tradições e costumes da beira*, Alma Azul, Coimbra/Castelo Branco
- * Dias, J. L. (1994), *Etnografia da Beira, Lendas, costumes, crenças e superstições*, Vol. I, 2ª edição, Empresa Nacional de publicidade, Lisboa
- * Dias, J. L. (1964) *Etnografia da Beira – o que a nossa gente canta*, Vol.II, 2ª edição, Lisboa
- * Enciclopédia Universal Multimédia (1997), Texto Editora
- * Ferreira, J. A. (s/d) in Cancioneiro, Literatura Popular de trás-os-montes e Alto Douro, Volume V, Edição conjunta com a CMVR